

Solucionando o Dilema da Tabuada

Alunos que têm dificuldade para aprender as tabuadas têm frustrado os educadores desde... bem, desde o início. Alunos que não aprendem as tabuadas cometem erros desnecessários nos exercícios, ficando cada vez mais atrasados com o passar do tempo. Por décadas, os professores têm considerado tais alunos como preguiçosos ou indispostos a realizar os exercícios e atividades necessários. E conscientemente ou inconscientemente os têm tratado com frustração ou até mesmo desgosto. Primeiro eles os encorajam a se esforçar mais, mas com o tempo, até mesmo professores pacientes começam a olhar acusadora e pesarosamente para os alunos que não conseguem memorizar fatos básicos de matemática. E o pior de tudo, esses alunos começam a se considerar “tolos” ou “ignorantes”. Chegam à conclusão de que não entendem matemática ou não conseguem resolver os exercícios.

Depois de duas décadas de luta contra o problema das tabuadas, acho que finalmente encontrei a solução... num lugar onde jamais esperaria – em um Seminário de Ortografia de Rebecca Sitton. Esse excelente programa salienta a “análise de conhecimento” não apenas com as palavras semanais para correção ortográfica, mas em toda a escrita que os alunos

Jim Roy

produzem. Ele incorpora as palavras mais comumente usadas na linguagem inglesa, embora palavras adicionais do currículo possam facilmente ser acrescentadas. Uma coisa que chamou minha atenção especificamente foi a Lista de Palavras Prioritárias. Certas palavras são consideradas tão importantes para cada série que aparecem nessa lista. Para que um aluno receba um “A” em ortografia, ele deve saber soletrar ou usar as palavras na lista prioritária corretamente 100 por cento do tempo, seja em um teste de ortografia ou em uma pesquisa de história. A lista de palavras prioritárias é tão importante, que as palavras são afixadas na parede na frente da sala de aula ou no caderno dos alunos para fácil acesso. Se os alunos não tiverem certeza quanto à ortografia de uma dessas palavras, eles precisam “desenvolver a obrigação de verificar”, isto é, recorrer à lista afixada, já que as Palavras Prioritárias devem sempre ser escritas corretamente.

Essa linha de pensamento atraiu minha atenção porque eu já tinha chegado à conclusão de que nem todos os alunos são soletradores inerentemente dotados. Eu creio que algumas pessoas possuem

Depois de duas décadas de luta

contra o problema das tabuadas, acho que finalmente encontrei a solução...

num lugar onde jamais esperaria.

“inteligência” para linguagem e ortografia que outros não possuem. A maioria dos cursos de ortografia exigem que os alunos memorizem cada semana uma lista de palavras para um teste. Isso apenas revela quem são os bons em memorização e quem são os que possuem o dom de escrever corretamente, mas não contribui em nada para ajudar cada aluno a desenvolver a “análise de conhecimento” em todos os trabalhos escolares. A idéia de que os alunos tenham de verificar a Lista de Palavras Prioritárias para garantir a ortografia correta de palavras específicas salienta a necessidade de precisão, e ao mesmo tempo acomoda os alunos cuja mente funciona de maneira diferente. O alvo é que cada aluno escreva trabalhos de boa qualidade.

O princípio básico também pode

funcionar para matemática. O alvo é que os alunos saibam lidar com confiança e exatidão com a matemática do dia-a-dia, e que resolvam os problemas usando a linguagem numérica como ferramenta. Assim como alguns alunos possuem inteligência para linguagem/ortografia, outros possuem inteligência numérica. Esses gênios acham fácil compreender e memorizar questões de matemática. Com pouca idade podem responder de memória exercícios de adição, subtração e mesmo tabuadas.

Seu sucesso pode ser mal interpretado, no entanto, quando muitos professores supõe que se alguns alunos aprendem as tabuadas facilmente, com um pouco de esforço todos deveriam ser capazes de fazer o mesmo.

Ao reconhecer que alguns alunos têm

dificuldade com habilidades matemáticas, abrimos as portas para a “Solução Sitton”. Com isso encorajamos alunos a “desenvolver a obrigação de verificar” para resolver exercícios numéricos, e aplicar as leis de matemática para enfrentar desafios simples e complexos na vida. Se mantivermos os alunos decorando as tabuadas, não permitindo que ponham em prática a matemática real até que tenham dominado esses fatos, muitos nunca compreenderão por que precisam estudar matemática e finalmente terão aversão a cada minuto gasto com ela.

Expondo os fatos

Em vez de continuar essa dança de fracasso com os alunos, onde os que memorizam com facilidade são recompensados por memorizarem (e normalmente nada mais), e os que têm dificuldade em memorizar são totalmente eliminados da participação na matemática, por que não mudar o sistema? Imagine uma sala de aula onde fatos importantes de matemática são expostos nas paredes juntamente com palavras prioritárias de ortografia. Uma tabela grande quadriculada, cerca de 1,20 m², é montada na parede com os números de 2 a 12 escritos horizontalmente na parte de cima e verticalmente do lado esquerdo, com o produto correspondente dentro dos quadrados. Os alunos podem ver de relance quanto é 7 x 8, ou 3 x 9, ou qualquer outro exercício de tabuada. Essa tabela pode também ser colocada no caderno de cada um para uma referência rápida. Por que ficar preso à incapacidade de o aluno memorizar fatos básicos de matemática quando você pode se concentrar em problemas mais importantes?

Alguns dirão que a divulgação de fatos matemáticos provê uma muleta para os alunos se escorarem em vez de aprender, mas eu discordo. Estou convencido de que os alunos usarão a tabela apenas enquanto precisarem. Digo aos meus alunos que é mais eficaz e rápido memorizar as tabuadas; mas mesmo que ainda não o tenham feito, precisam resolver os problemas corretamente. Portanto, precisam aprender a “desenvolver a obrigação de verificar” a tabela. Verificar não é tão rápido ou eficaz,

**O alvo é que cada aluno escreva
trabalhos de boa qualidade.**

mas os ajudará a produzir um trabalho de boa qualidade com respostas corretas. À medida que os alunos alcançarem êxito em matemática, chegarão ao ponto onde não precisarão mais da tabela.

Eu me convenci ainda mais sobre a validade dessa idéia recentemente quando a compartilhei com uma professora de 5ª série. Conforme comecei a descrever a tabela e os resultados que poderia trazer para sua classe, percebi que os olhos dela se encheram de lágrimas. Parei no meio da sentença e perguntei se ela se sentia bem. Teria eu falado algo que a magoara?

– Não – disse ela. – Na realidade eu concordo com o que você está dizendo. O que me tocou foi o fato de que... bem, eu fui uma dessas crianças que teve dificuldade com matemática, especialmente com tabuada – ela fez uma pausa antes de continuar. – Eu nunca falei isso para ninguém, mas... eu ainda luto. Ainda tenho dificuldade com tabuada.

A professora não era atrasada nem preguiçosa. Tinha um título de pós-graduação, era atenciosa e articulava bem as palavras. Seus colegas a consideravam uma profissional inteligente. No entanto ela mantinha essa luta secreta e seus sentimentos sobre isso eram tão fortes que seus olhos se encheram de lágrimas quan-

Estou convencido de que os alunos usarão a tabela apenas enquanto precisarem.

do ela pensou nisso. Será que pensamos que nossos alunos estão menos aflitos do que essa professora?

A divulgação dos fatos básicos do aprendizado (como exercícios de adição para as séries inferiores, tabuadas das séries intermediárias para cima, fórmulas de espaço e volume para as séries superiores) aperfeiçoará o desempenho dos alunos em muitos aspectos. Em primeiro lugar, realçará a prioridade de certas informações. Esses fatos são tão importantes que devemos sempre ser cuidadosos quando os usamos. Em segundo, ajudará os alunos a se concentrarem em habilidades de reflexão e solução de problemas em vez de memorização repetitiva. E em terceiro lugar, pela constante presença da informação na sala de aula, os alunos aprenderão e compreenderão muitos dados que antes os iludiam. Sejam palavras prioritárias de ortografia, fatos básicos de matemática,

ou informação vital de ciências, por que transformá-los em uma brincadeira de esconde-esconde? Em vez disso, transforme a sala de aula em um quadro de informação importante, e então crie tarefas que tornarão a aplicação da informação mais importante do que a memorização.

Jim Roy tem

trabalhado no sistema educacional adventista durante toda sua carreira – nos primeiros 21 anos como professor, diretor e departamental associado, e nos últimos quatro anos ensinando na área de Educação do Pacific Union College em Angwin, Califórnia, EUA. Ele é autor do livro em lançamento, Soul Shapers: A Better Plan for Parents and Educators (Modeladores da Alma: Um Plano Superior para Pais e Educadores) (Review and Herald), que compara as idéias de William Glasser e Ellen White. Roy está trabalhando em seu segundo livro, uma biografia autorizada de Glasser, como parte de sua dissertação doutoral para a La Sierra University em Riverside, Califórnia, EUA.